

Cultura, comunidade e identidade surda: O que querem os surdos?

Paula Guedes Bigogno *

ORCID iD <https://orcid.org/0009-0006-0773-4148>

RESUMO

No âmbito das Ciências Sociais, mais especificamente na Antropologia, têm começado a aparecer pesquisas como esta. No entanto, este trabalho foi desenvolvido de uma forma praticamente inédita em Língua Portuguesa, tendo recebido constantes citações. Os *surdos* do Brasil, como preferem ser chamados, vêm buscando reconhecimento de sua língua, a Língua Brasileira de Sinais. Este é um fenômeno que acontece em diversos países, como a França e os Estados Unidos, por exemplo. As categorias cultura, comunidade e identidade, desenvolvidas na Antropologia, têm servido especialmente aos *estudos culturais*, trazendo debates específicos de povos ou *grupos sociais*. Historicamente, as línguas de sinais foram proibidas em diversos países, favorecendo o que se chamou de oralismo puro. Mas desde o último período de resistência, com a criação da American Sign Language e da Gallaudet College o mundo passou a reconhecer que, na França, setecentista o abade de l'Épée estava certo. No Brasil, a década de 1980 marcou a criação das primeiras associações de surdos. Este trabalho é fruto da construção da minha dissertação de mestrado, que ficou pronta dois anos depois. O trabalho de campo foi longo: desde 2006 até 2011 e, depois, até 2013. Muitos questionamentos aparecem quando se pensa que uma pessoa não pode ouvir a campainha de casa ou o barulho de trem. É por isso que a Libras é uma língua visual-gestual, com gramática própria e faz requerer adaptações como a campainha luminosa, por exemplo. É importante tomar o cuidado de não homogeneizar esse *grupo*, pois existem os surdos oralizados, os bilíngues e os que só sabem Libras ou só Português. O que ocorre com os movimentos sociais, sejam eles feministas, negros, indigenistas ou de classe é que há códigos próprios para se traduzir determinadas ideias. Isso não é diferente entre os surdos, por isso pensamos em identidades, culturas e comunidades surdas.

PALAVRAS-CHAVE

Cultura; Comunidade Surda; Identidade Surda

Culture, community and deaf identity: What do the deaf want?

ABSTRACT

In the field of Social Sciences, more specifically in Anthropology, research like this one has begun to appear. However, this work was developed in a practically unprecedented way in Portuguese, having received constant citations. Deaf people in Brazil, as they prefer to be called, have been seeking recognition of their language, the Brazilian Sign Language. This is a phenomenon that happens in several countries, such as France and the United States, for example. The categories of culture, community and identity, developed in Anthropology, have served especially in cultural studies, bringing specific debates of peoples or social groups. Historically, sign languages have been banned in several countries, favoring what has been called pure oralism. But since the last period of resistance, with the creation of the American Sign Language and the Gallaudet College,

* Licenciada em Ciências Sociais. Graduanda na modalidade Bacharelado e Mestranda em Ciências Sociais na Universidade Federal de Juiz de Fora, Brasil. E-mail: pgbigogno@gmail.com

the world has come to recognize that, in France, seventeenth-century the Abbé de l'Épée was right. In Brazil, the 1980s marked the creation of the first deaf associations. This work is the result of the construction of my master's thesis, which was ready two years later. The field work was long: from 2006 to 2011 and then to 2013. Many questions arise when one thinks that a person cannot hear the doorbell at home or the noise of a train. That is why Libras is a visual-gestural language, with its own grammar and requires adaptations such as the lighted bell, for example. It is important to take care not to homogenize this group, as there are oralized deaf people, bilinguals and those who only know Libras or only Portuguese. What happens with social movements, whether feminist, black, indigenist or class, is that there are codes of their own to translate certain ideas. This is no different among the deaf, that's why we think about deaf identities, cultures and communities, in plural.

KEYWORDS:

Culture; Deaf Community; Deaf Identity

MUHTASARI (Swahili)

Katika uwanja wa Sayansi ya Jamii, haswa katika Anthropolojia, utafiti kama huu umeanza kuonekana. Walakini, kazi hii ilitengenezwa kwa njia ambayo haijawahi kufanywa katika Kireno, baada ya kupokea manukuu ya mara kwa mara. Viziwi nchini Brazili, kama wanavyopendelea kuitwa, wamekuwa wakitafuta kutambuliwa kwa lugha yao, Lugha ya Ishara ya Brazili. Hili ni jambo ambalo hutokea katika nchi kadhaa, kama vile Ufaransa na Marekani, kwa mfano. Kategoria za utamaduni, jamii na utambulisho, zilizoendelezwa katika Anthropolojia, zimetumika hasa katika masomo ya kitamaduni, na kuleta mijadala maalum ya watu au makundi ya kijamii. Kihistoria, lugha za ishara zimepigwa marufuku katika nchi kadhaa, zikipendelea kile kinachoitwa usemi mtupu. Lakini tangu kipindi cha mwisho cha upinzani, na kuundwa kwa Lugha ya Ishara ya Marekani na Chuo cha Gallaudet, ulimwengu umekuja kutambua kwamba, huko Ufaransa, karne ya kumi na saba Abbé de l'Épée ilikuwa sahihi. Nchini Brazili, miaka ya 1980 iliashiria kuundwa kwa vyama vya kwanza vya viziwi. Kazi hii ni matokeo ya ujenzi wa thesis ya bwana wangu, ambayo ilikuwa tayari miaka miwili baadaye. Kazi ya shambani ilikuwa ndefu: kutoka 2006 hadi 2011 na kisha hadi 2013. Maswali mengi hutokea wakati mtu anafikiri kwamba mtu hawezi kusikia kengele ya mlango nyumbani au kelele ya treni. Ndio maana Mizani ni lugha inayoonekana-ya ishara, yenye sarufi yake na inahitaji marekebisho kama vile kengele iliyowashwa, kwa mfano. Ni muhimu kuwa mwangalifu usifanye kikundi hiki kuwa sawa, kwani kuna viziwi waliozungumzwa, wenye lugha mbili na wale wanaojua tu Libras au Kireno pekee. Kinachotokea kwa mienendo ya kijamii, iwe ya wanawake, weusi, wazawa au tabaka, ni kwamba kuna kanuni zao za kutafsiri mawazo fulani. Hii haina tofauti miongoni mwa viziwi, ndiyo maana tunafikiri kuhusu utambulisho wa viziwi, tamaduni na jamii, kwa wingi.

MANENO MUHIMU:

Utamaduni; Jumuiya ya Viziwi; Utambulisho wa Viziwi

Introdução

Pouco se discute a respeito das deficiências e, mais especificamente, a respeito da surdez nas Ciências Sociais. A ideia deste trabalho é apresentar uma discussão antropológica sobre ao tema e sobre os surdos de modo que se possa compreender um

pouco da particularidade deste *grupo*, que tem conquistado espaços que antes lhes eram negados, mas que ainda têm que lutar cotidianamente para que se façam valer sua alteridade no exercício de seus deveres e de seus direitos.

Este trabalho é parte de minha dissertação de mestrado e, certamente, deixa lacunas. Algumas dessas lacunas poderão ser respondidas na dissertação, outras, não menos importantes, permanecerão em aberto. As limitações de um texto escrito num curto espaço de tempo, bem como a riqueza e a complexidade do tema, permitem por ora, juntamente com outros trabalhos que tem sido produzidos sobre surdez, deficiência e diversidade, apenas contribuir para a expansão de um debate pequeno, mas crescente, no campo da Antropologia e das Ciências Sociais.

Embora raro nas ciências sociais, se pensarmos bem, o tema é de fundamental importância para a compreensão de muitos fenômenos das sociedades complexas. Para compreender as relações humanas e a vida em sociedade, precisamos compreender como os indivíduos convivem com suas similaridades e diferenças.

É possível pensar sobre isso através de diversos temas já consagrados na sociologia e na antropologia, como grupos sociais, cultura, identidade e mais recentemente, pluralismo, movimentos sociais, políticas públicas, etc. O debate sobre as deficiências não foge a estas características. Existem movimentos de pessoas com deficiência, que reivindicam direitos, reconhecimento de *necessidades especiais* e mais especificamente no caso dos *surdos*, reconhecimento de identidade, comunidade e cultura própria.

Tanto no convívio com os *surdos*, quanto na literatura nativa militante, aparecem as categorias *cultura surda*, *comunidade surda* e *identidade surda*, que funcionam como estratégias de visibilidade, reconhecimento de diferenças, requerimento e luta por direitos. Como surgiram essas ideias, o que cada uma delas significa, como elas tem sido utilizadas pela *comunidade surda* e como a sociedade as tem assimilado são, portanto, questões fundamentais desta pesquisa.

1. Um Pouco de História

Não somente a título de curiosidade, mas para situar a argumentação e favorecer a compreensão desta, devemos conhecer um pouco sobre as decisões e acontecimentos históricos que até hoje marcaram a vida de muitos surdos e de pessoas com eles envolvidas. Ao longo dos tempos, atrocidades, benevolências, avanços e retrocessos,

marcaram a socialização, o processo educativo dos surdos e sua constituição como pessoas. Na China Antiga, eles eram jogados ao mar; em Esparta eram jogados do alto de rochedos, em Atenas, eram abandonados; entre os gauleses eram sacrificados em ritual. Na Grécia e em Roma, eram como *retardados*, incapazes de gerenciar seus atos e indignos da condição humana. Em 483-482 a.C., o Código Justiniano passou a distinguir graus de deficiência auditiva, ressaltando que o nascido surdo estaria privado de desenvolvimento moral e intelectual. (Arriens, p. 5)

Para contrabalançar, citemos como exemplo de um primeiro olhar mais reflexivo, a seguinte passagem de Sócrates, no Crátilo, de Platão: *Se não tivéssemos voz nem língua e ainda assim quiséssemos expressar coisas uns aos outros, não deveríamos, como aqueles que ora são mudos, esforçar-nos para transmitir o que desejássemos dizer com as mãos, a cabeça e outras partes do corpo?* (Platão apud Sacks: 2005: 29). Os filósofos estiveram sempre interessados nas Línguas, como expressão e parte do pensamento humano, como o que diferencia os seres humanos dos animais e o que pode permitir um discurso lógico. Platão, Aristóteles, Leibniz, Rousseau, Wittgenstein, Derrida e tantos outros refletiram sobre homem e a linguagem, chegando a pensar sobre uma língua universal, sobre o que um abade francês chamado De l'Epeé disse o seguinte: A língua universal que vossos eruditos buscam em vão e da qual perderam a esperança está aqui; está bem diante de vossos olhos, é a mímica dos surdos pobres. Porque não a conheceis, vós a desprezais, e contudo, somente ela vos dará a chave para todas as línguas. (De l'Epeé apud Sacks: 2005:30)

O abade De l'Epeé adaptou a linguagem de sinais de surdos pobres de Paris, através de seu sistema de sinais *metódicos*, combinando essa linguagem com a gramática do Francês, o que, com a ajuda de um intérprete (uma pessoa que ouvia mas também sabia esses sinais) permitiu que esses surdos fossem alfabetizados. De l'Epeé iniciou uma revolução no assunto já que começava a sistematizar uma língua visual-gestual; fundou uma escola em 1755 e influenciou a criação de outras do mesmo tipo, que se espalharam inicialmente pela França e pela Europa.

Dentre os pensadores e educadores mais famosos que tiveram um trabalho prático com os surdos, estão Pedro Ponce de León e Juan Pablo Bonet. O primeiro, na Madrid quinhentista, ensinava a surdos filhos de nobres e chegou a fundar uma escola. Uma das grandes preocupações era com relação a direitos e heranças, já que os surdos não eram reconhecidos como cidadãos, a não ser que falassem. A questão da oralidade neste

sentido estava ligada a um preceito religioso de que a única maneira de expressão legítima do ser humano era a fala. Além disso, as pessoas com surdez viviam renegadas, não se acreditava que pudessem pensar, encadear ideias lógicas. Diante disso, também na Espanha, Bonet investiu num método oralista, que utilizava o alfabeto manual, mas proibia outros gestos e sinais.

Outros primeiros estudiosos foram o médico inglês John Bulwer, que acreditava e defendia o uso de gestos, o educador John Wallis (1616-1703) que dedicou-se mais ao ensino da escrita e o educador Konrah Aman, forte defensor da leitura labial, já que para ele a fala era *uma dádiva de Deus*. As primeiras publicações de surdos surgem na França setessentista de l'Epeé. *Observations* (1776), de Pierre Desloges, primeiro livro publicado por um surdo trazia o seguinte depoimento:

No início de minha *enfermidade*, e enquanto vivi separado de outras pessoas surdas [...] não tive conhecimento da língua de sinais. Eu usava apenas sinais esporços, isolados e não relacionados. Desconhecia a arte de combiná-los para formar imagens distintas com as quais podemos representar várias ideias, transmiti-las a nossos iguais e conversar em discurso lógico.

As pessoas com surdez, através do convívio com seus pares e do método de l'Epeé, começaram a conquistar posições de responsabilidade e prestígio; começavam a formar-se escritores, engenheiros e intelectuais. Laurent Clerc, um desses surdos, vindo da França, juntamente com o reverendo americano Thomas Galaudet em 1917, funda nos Estados Unidos o American Asylum for the Deaf, em Hartford. Conta-se que Gallaudet, certo dia, ao observar algumas crianças brincando num jardim, notou que havia uma criança fora da brincadeira. Soube ele que seu nome era Alice Cogswell e que ela era surda. O reverendo tentou ensiná-la pessoalmente mas depois buscou ajuda na Inglaterra e na França, onde conheceu Clerc. *Nos 52 dias de viagem para os Estados Unidos, Clerc ensinou Gallaudet a língua de sinais, e Gallaudet ensinou-lhe Inglês*. (Sacks: 2005: 35)

No Asilo Hartford, como ficou conhecida a escola, a metodologia importada por Clerc e as linguagens utilizadas por surdos dali, deram origem à American Sign Language (ASL). Contribuíram especialmente para a formação dessa nova língua de sinais, os surdos da ilha de Martha's Vineyard, descritos na obra *Everyone here spoke Sign Language: hereditarian deafness on Martha's Veneyard*, de Nora Ellen Groce, que costumavam ser enviados para o Asilo.

Esse intercâmbio cultural permitiu buscar e aperfeiçoar expressões de diferentes dialetos, de diferentes aldeias da ilha e formar a língua de sinais nacional, nos Estados Unidos. Na ilha de Martha's Vineyard, em Massachussetts, a endogamia provocou a mutação de um gene recessivo que afetou sucessivas gerações por cerca de 250 anos, desde a chegada dos primeiros colonizadores surdos por volta de 1690. Em meados do século XIX, uma a cada quatro pessoas era surda em alguns povoados (Chilmark, West Tisbury), o que fez com que toda a população se comunicasse em sinais e que esses indivíduos com surdez não fossem vistos necessariamente como *surdos*, nem como *deficientes*. (Sacks: 2005:45).

Em 1869 havia de cerca de 550 professores de surdos espalhados pelo mundo e cerca de 41% deles nos Estados Unidos eram surdos. Em 1864 a aprovação de uma lei que autorizava a Columbia Institution for the Deaf and Blind em Washington, a transformar-se na primeira instituição de ensino superior especial para surdos. A faculdade depois rebatizada de Gallaudet College e posteriormente tornou-se Gallaudet University; até hoje a única faculdade de ciências humanas para surdos. No Brasil, em 26 de Setembro de 1857, foi fundado pelo Francês Ernest Huet, e e pelo imperador D. Pedro II, o Imperial Instituto de Surdos Mudos, no Rio de Janeiro; hoje Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). É comemorado o dia nacional do surdo, no Brasil nesta data, que é um dos fundamentos do movimento *Setembro Azul*. Azul era a cor do triângulo nazista que marcava o lugar das pessoas com deficiência nos campos de concentração, durante a Segunda Guerra Mundial.

Por volta de 1870, havia surgido *reformadores*, que defendiam escolas oralistas *progressistas* e queriam acabar com os asilos *obsoletos*. O que estava acontecendo era parte de mudanças mais gerais no ocidente, característica do período vitoriano: uma tendência a opressão e a intolerância com minorias religiosas, linguísticas, étnicas; por exemplo, o Galês foi pressionado a submeter-se ao Inglês. Houve, então, em 1880, em Milão, o Congresso Internacional de Educadores de Surdos, onde os *reformadores*, excluindo os próprios professores surdos da votação de um método para referência mundial, saíram vitoriosos. Entre eles, estavam Samuel Gridley, Howe e Orace Mann, além de Alexander Graham Bell, que além de ter se consagrado como inventor do telefone, era filho de mãe surda e pai educador de surdos (com ênfase oralista) e marido de surda. O peso de seu prestígio e de sua influência familiar foram decisivos para institucionalizar o *Oralismo*, ou *Oralismo Puro*, como hoje se conhece.

A educação dos surdos passou, então, a ser exercida por uma maioria de professores ouvintes, mas ao contrário do que possam alguns imaginar, o novo método por ser restrito a oralidade, não obteve sucesso para uma maioria de escolas, que chegaram a situações de extrema regressão em se tratando de comunicação, alfabetização e desenvolvimento de pensamento e proposições lógicas entre os surdos. Foi só nos anos 60 e início dos anos 70 que o assunto passou a ser debatido com um público mais geral, quando um livro intitulado *In this Sign*, de Joanne Grisberg (1970) e mais tarde a peça e filme *Children of a lesser God*, de Mark Medoff, influenciaram um debate.

Antes disso, no meio acadêmico, o trabalho do linguísta William Stokoe, *Sign Language Structure*, de 1960, juntamente com a *Gallaudet Encyclopedia of deaf and deafness* em três volumes publicados por John van Cleeve, e o apêndice do *Dictionary*, de Stokoe, em 1965: *A comunidade linguística*, de Carl Cronenberg, colaborador surdo, foram contribuições para o conhecimento e para uma nova mudança de paradigma com relação aos surdos. Este último, descreveu o *'povo surdo' como formadores de um grupo cultural [...] representou uma ruptura com a longa tradição de 'patologizar' os surdos.* (Padden: 1980: 90 apud Sacks 2005: 155)

Nesta época, porém, nenhum outro linguísta, nem Chomsky, mencionou o trabalho de Stokoe. Em 1970, Klima e Bellugi quase não encontraram fontes para o estudo da língua de sinais, que havia se tornado algo coloquial, que não merecia importância; mesmo entre os surdos a opinião era semelhante. Mais que uma desvalorização, havia uma descrença e uma atitude de ridicularizar a possibilidade de *analisar* a língua e concebê-la como tal, como Língua. O Teatro Nacional de Surdos (nos Estados Unidos), que desde 1967, influenciado pela publicação do *Dictionary*, realizava apresentações com Inglês em sinais¹, em 1973 passou a realizar apresentações na verdadeira língua de sinais, o que tornava a encenação muito mais rica do ponto de vista criativo surdo já que as expressões corporais e faciais ganhavam maior destaque. A partir disso, outros artistas surdos surgiram, faziam poesia em sinais, chistes, músicas em sinais, dançavam, contavam histórias que divulgavam sua história e sua *cultura*.

Em 9 de Março de 1988, após a indicação de Elisabeth Ann Zinser, para reitora os estudantes da Gallaudet entraram em greve e realizaram um protesto exigindo a nomeação de um reitor surdo, renúncia imediata da presidente do corpo diretivo, Jane

¹ É diferente da língua de sinais pois sinalizar palavras não é o mesmo que expressar numa língua de sinais, que tem estrutura própria, visual-gestual.

Basset Spilman, maior presença de surdos nas tomadas de decisões e que não houvesse represálias. As manifestações no campus chegaram a dominar a mídia por cerca de 48 horas. (Sacks: 2005). O clima estava mais para Woodstock, segundo Sacks, que esteve lá. Pelo relato do autor havia um clima de união, serenidade e dignidade; *havia um senso de júbilo, um quê de festividade*. Os professores, funcionários e todo o mundo, através da imprensa, estavam ao mesmo tempo perplexos e admirados, pois a manifestação que durou 6 dias fazia desaparecer aquela *ilusão de impotência*² a que estavam acostumados a associar aos surdos.

O *levante*³ havia sido planejado. Os líderes do grupo estudantil Greg Hlibok e seus companheiros Tim Rarus, Bridgetta Bourne e Jerry Covell, tiveram o apoio de ex-alunos e de outras organizações de surdos. No dia 14 de Março, King Jordan foi eleito o primeiro reitor surdo da Gallaudet. Nos últimos 20 anos, tem sido intensificada a criação de associações de surdos e escolas Libras no Brasil. As políticas de passe livre e cotas no mercado de trabalho, juntamente com a Lei de intérpretes em locais públicos e as legendas *closed caption*, são algumas das ferramentas que precisam ser problematizadas em discussão mais ampla, já que podem ser percebidas tanto como conquistas ou como políticas mal formuladas, frutos de práticas *ouvintistas*⁴. A luta antipaternalista⁵ continua e o que se quer, através de uma educação bilíngue⁶, é ver os próprios surdos escrevendo trabalhos como este e decidindo, de fato, seu futuro.

2. Para fazer se fazer etnografia com os surdos: apresentando as bases empíricas de uma etnografia em vias de construção

O método etnográfico permitiu-me observar a maneira como essas pessoas vivem diversas situações do cotidiano, especialmente a maneira como todos agem, em conjunto, quando existe no ambiente, uma pessoa ou mais de uma pessoa com surdez. O trabalho de campo etnográfico, com observação participante, é de fundamental importância numa pesquisa como essa. O contato direto com os surdos e a aprendizagem da Libras, permitiram-me conhecer algumas particularidades e enfrentamentos por que passam essas pessoas.

² Termo utilizado por Bob Johnson, professor e amigo de Sacks.

³ O próprio Sacks usa a expressão entre aspas.

⁴ Termo que designa uma imposição de poder perante os surdos, não reconhecendo suas particularidades (*cultura surda*) e sua alteridade. Será discutido na dissertação.

⁵ Aprendizagem combinada de Libras (como primeira língua) e Português.

O contexto de vida das pessoas com surdez é caracterizado pela apreensão diferente de mundo (predominantemente visual), pela dificuldade na comunicação, preconceito e segregação. Poucas pessoas que não são surdas dominam a Libras e ainda há aqueles que a desconhecem. Diante disso, fui buscar em 2006, num curso de Libras, as bases instrumentais para minha pesquisa de campo. Naquele momento, eu era aluna mas também tentava ser pesquisadora. Dava meus primeiros passos na antropologia, nas ciências sociais e no *mundo dos surdos*, ao mesmo tempo. Não é preciso dizer que foi um processo confuso e inacabado. No entanto, sem esse processo, inclusive pela aprendizagem da Libras, este trabalho, principalmente devido ao curto espaço de tempo, não poderia ser realizado.

Mesmo assim, meu domínio da Libras não é perfeito, tenho algumas dificuldades: esqueço ou troco sinais, sou um pouco devagar para sinalizar e às vezes preciso que a pessoa repita o sinal, explique o que quer comunicar com outros sinais ou solete no alfabeto manual. Mas isso não impede a comunicação. Tenho conhecimento na língua, o que não tenho é fluência e treinamento. Tenho tido a sorte de encontrar pessoas pacientes e dispostas a participar da pesquisa. Além disso, sou conhecida por alguns deles, por ter feito o curso em dois locais, por me interessar como pesquisadora estudante, desde 2006, e por ter um primo surdo.

Naquela época (em 2006), foram utilizados como observação participante um seminário sobre *cultura e identidade surda*, as aulas e o espaço do curso de Libras, que era uma escola livre (particular) mas funcionava como sede da associação dos *surdos*, uma oficina para intérpretes de Libras, umas duas outras palestras: uma sobre surdocegueira e outra sobre sexualidade, uma festa numa Igreja Batista, bastante frequentada por eles e um pequenique.

A primeira vez que fiz o curso de Libras, entre 2006 e 2007 ele era pago. Na segunda vez, fiz gratuitamente. Pais e familiares de pessoas com surdez têm o direito de aprender Libras sem pagar por isso mas eu não sabia, nem me disseram antes. O segundo curso, em 2008, teve o mesmo conteúdo: Libras Básico e Libras em Contexto e foi realizado no Instituto Bruno Vianna, que apóia pessoas com paralisia cerebral e surdocegueira. Não havia uma continuação para o curso que eu havia feito antes. Mas eu queria retomar a aprendizagem da Libras, por isso repeti as aulas.

No início de 2009, procurei novamente o Instituto Bruno Vianna porque queria ter a oportunidade de me aproximar de pessoas com surdocegueira. A experiência foi curta

mas enriquecedora e deverá ser contada num outro trabalho. Atualmente, o trabalho de campo tem sido realizado no Centro de Educação e Cultura para o Ensino de Libras (CECEL), que eventualmente funciona também como sede da associação dos surdos de Juiz de Fora (ASJF)⁷. Voltei a fazer aulas, agora no nível conversação, nas noites quinta-feira e passei a ir lá também nas noites de sexta, dia em que os *surdos* se reúnem, numa espécie de *happy hour*⁸.

3. Para compreender os surdos

Se quisermos compreender a sociabilidade entre essas pessoas, deveremos levar em conta especialmente a ideia de *comunidade surda*, que segundo Tanya A. Felipe (2011) é uma *comunidade linguística*. Comunidade neste caso, não tem a ver necessariamente com espacialidade, mas pode estar vinculada a isso já que existem espaços onde a comunicação entre eles é favorecida. É possível pensar uma rede de sociabilidade que envolve surdos e outras pessoas que saibam de Libras⁹, pessoalmente ou via internet.

Difícilmente alguém que não sabe Libras poderia fazer parte de uma rede como essa. A dificuldade interacional devido ao problema da comunicação, bem como os consequentes preconceito e segregação constituem-se como barreiras que, juntamente com a facilidade da comunicação entre aqueles que sabem a língua de sinais, estimulam o isolamento espontâneo. Outra ideia importante refere-se à escolha da palavra *surdo* ao invés da definição *deficiente auditivo*. Na prática, é assim que eles desejam ser chamados¹⁰. O termo deficiente auditivo corresponde a um modelo médico¹¹ e o termo *surdo*, a um modelo social.

Essas categorias nativas remetem a uma reivindicação de reconhecimento; o que quer dizer não somente que há uma diferença mas também que há problemas decorrentes disso. Uma pessoa que nasce com surdez não apreende o mundo da mesma forma que uma pessoa *ouvinte*¹². Sua educação requer estratégias específicas. A comunicação com outros é mais complicada e isso pode ter consequências sérias. Pensar

⁷ Na verdade a ASJF não tem sede mas é o CECEL que eles costumam se reunir e tomar decisões.

⁸ A experiência etnográfica será relatada em dissertação de mestrado.

⁹ Língua Brasileira de Sinais.

¹⁰ Isso ficará claro na parte etnográfica.

¹¹ O termo deficiente auditivo pode englobar pessoas com pequena ou média perda auditiva. Já o termo *surdo* especifica a surdez profunda, que tem implicações sociais mais complexas e é tema deste trabalho.

¹² Categoria da *cultura surda* que designa aquele que ouve. Termo oposto a *surdo*.

o cotidiano sem telefone, música ou simplesmente o som das palavras é importante para compreender a experiência da pessoa surda. É possível enviar mensagens de celular, conversar na internet por escrito ou por câmera. Essa última forma costuma ser preferida já que permite o uso da língua de sinais.

Para compreender a experiência dos surdos, devemos pensar o mundo sem os barulhos mais corriqueiros: desde o barulho de água enchendo uma jarra ou o barulho da digitação deste texto até campainhas de aviso ou buzinas no trânsito. Os sons fazem parte do cotidiano da maioria das pessoas, mas não de todos e isso tem implicações que nem sempre são óbvias. Aprendemos muitas coisas não somente com a atenção auditiva direta. Mesmo que estejamos dispersos dessa atenção, realizando outras tarefas, ainda assim apreendemos o mundo através da audição, aprendemos palavras e formamos ideias.

Para uma pessoa surda esse processo é diferente. Ainda que possa existir algum resíduo auditivo¹³, a percepção do mundo é predominantemente visual. É possível também, claro, apreender o mundo através de cheiros ou, pelo tato, perceber as vibrações de um som. Sabemos que o pensamento ocorre através da língua, como anunciaram Vygotski, Derrida, Barthes, Levi-Strauss e outros tantos pensadores. Mas se uma pessoa é surda e não domina a fala¹⁴, como ela pensa? Como articula suas ideias? Sabe-se que gestos, mímica e pantomima¹⁵ são linguagem, mas não língua¹⁶. Para que ideias possam ser expressas e internalizadas, ou seja, para que a comunicação e o pensamento possam ocorrer de maneira sistematizada a uma pessoa surda, foram criadas as chamadas línguas de sinais; que não são universais, existem diversas no mundo¹⁷. Elas são consideradas língua porque possui gramática própria, segundo os especialistas.

A Língua Brasileira de Sinais – Libras é derivada da língua francesa e da língua americana de sinais. Por ter sido criada no Brasil, ela também mistura elementos da Língua Portuguesa, mas é diferente desta porque possui uma outra estrutura linguística: visual-gestual¹⁸. Para realizar a mediação entre a Libras e o Português ou o contrário,

¹³ Uma pequena porcentagem de audição.

¹⁴ Ele pode falar, mas comumente, não o faz com clareza. É importante ressaltar, no entanto, que o termo surdo-mudo, hoje, é considerado um erro tanto pela *cultura surda* quanto pela otorrinolaringologia. A deficiência auditiva implica na dificuldade na fala, mas não a impede.

¹⁵ Uso do corpo numa espécie de teatro gestual.

¹⁶ FELIPE (2006)

¹⁷ Idem

¹⁸ Ibidem.

existem os intérpretes de Libras, também chamados de tradutores de sinais. Esses profissionais traduzem em Libras para uma ou mais pessoas surdas o que falou uma pessoa ouvinte através de palavras ou, através de palavras, diz a uma ou mais pessoas ouvintes o que sinalizou em Libras, uma pessoa surda.

Muitas vezes, é necessário a um interprete sinalizar o conteúdo de um texto escrito a uma pessoa surda. Esse é um direito dos vestibulandos com surdez, por exemplo. Pode parecer estranho, mas na verdade isso revela uma questão que já deveria ser esperada: a dificuldade na audição implica na dificuldade na fala, que por sua vez implica na dificuldade da leitura e da escrita. Muitas pessoas com surdez, segundo minhas conversas em campo, têm baixa escolaridade, dificilmente alcançam posições socioeconômicas elevadas, correm mais risco de pobreza se comparados aos ouvintes, não tendo a mesma participação no espaço público. Essas questões são problemas sérios que requerem estudos sérios e práticas efetivas. O sistema de cotas para o mercado de trabalho é um passo importante, mas não uma solução para uma questão que é maior. Isso poderá ser discutido num outro trabalho.

4. Você é surdo ou ouvinte?¹⁹ A diferença nas interações face a face

Para iniciar a argumentação serão utilizados trabalhos de Goffman (1978; 2005), Howard Becker (2008) e Berger e Luckmann (2007), que embora estejam ligados a *sociologia do desvio* e a *teoria da rotulação*, trazem as contribuições iniciais do *interacionismo simbólico* para as Ciências Sociais e antecedem, numa perspectiva histórica, os paradigmas da diferença e da diversidade. É importante ressaltar que a intenção desta pesquisa não é compreender a surdez ou o uso da língua de sinais como desvio, o que seria um retrocesso e um desrespeito. A intenção desta discussão é demonstrar o caminho percorrido para a investigação do tema, procurando as bases sociológicas sobre as quais foram desenvolvidos o conceito de identidade e o paradigma da diferença, que passaram pelas discussões sobre desvio e rotulação.

A ideia de desvio chegou a possuir conotação de doença. Suicidas, prostitutas, alcoólatras, *loucos*, homossexuais, miseráveis e criminosos eram vistos como pessoas doentes, *degeneradas*²⁰. Esses indivíduos passaram a ser alvo de contagem, classificação e controle e a sociedade acabou concebendo o *desvio* dessas pessoas

¹⁹ Primeira pergunta usual entre pessoas que acabam de se conhecer e usam Libras, num local ou ocasião em que possa haver ouvintes.

²⁰ Termo ligado à ideia de Darwinismo Social.

como algo natural, não compreendendo o processo de construção social dessas diferenças (Miskolci, 2005).

Sob a influência do Darwinismo, a eugenia, vinculada à degeneração física²¹, serviu como ferramenta eficaz de classificação da diferença. Assim, imigrantes, negros, índios e pessoas com deficiência eram fortemente estigmatizados e segregados por não corresponderem aos ideais aristocráticos de pureza e perfeição. A passagem da ideia de desvio para as ideias de divergência, diferença e diversidade tem seu contexto após a Segunda Guerra Mundial. As atrocidades dela decorrentes, sobretudo nos campos de concentração nazistas, bem como a mutilação de soldados e sua reinserção na vida social e no mundo do trabalho, fizeram emergir novos paradigmas para a compreensão das identidades. O feminismo, a luta antimanicomial, os movimentos de afirmação negra e de pessoas com deficiência contribuíram para este processo.

Embora os surdos possam se enquadrar neste contexto como pessoas com deficiência auditiva, eles preferem ser compreendidos em sua singularidade cultural, como surdos, que possuem sua própria língua e um modo particular de *ser no mundo*. Dessa forma, a ideia de *cultura surda* poderia ser associada à ideia de *cruzada moral* de Becker (2008). Sob esta perspectiva, os movimentos de surdos, inclusive os *estudos surdos* e as ideias de identidade, comunidade e cultura *surdas* poderiam ser compreendidas como uma forma de *empreendimento moral* que reivindica o reconhecimento da diferença, que vai além do paradigma da deficiência.

Becker descreve ainda, os *reformadores cruzados*, que são aqueles que querem criar novas regras por não concordarem com as normas vigentes e suas consequências. Segundo o autor, pode haver um caráter hipócrita nesses empreendimentos já que os *cruzados* costumam ter seus próprios interesses. No entanto, estes empreendimentos são importantes devido ao seu caráter humanitário; o que faz, muitas vezes, com que esses *empreendimentos morais* sejam vistos como algo missionário²², por isso, o termo *cruzada*.

Essa discussão nos faz refletir sobre a questão do surdo como sujeito de direitos.²³ Embora os surdos possam constituir o que Berger *et al.* (2007) chamaria de *grupo divergente* na sociedade, é preciso ressaltar que existem diferenças entre eles. Segundo

²¹ Na época, um modelo médico regia a surdez, que era compreendida simplesmente como *ouvidos que não funcionam*.

²² Muitas igrejas, especialmente Batistas, Testemunhas de Jeová e Católica, realizam um *ministério* ou *pastoral* de surdos e funcionam, muitas vezes, como ambientes formadores de intérpretes de Libras.

²³ O que requer maior discussão.

Velho (1979: 22) “é preciso tomar cuidado com a tendência a homogeneizar arbitrariamente comportamentos dentro desses grupos”.

Segundo Goffman (1978), espera-se que um indivíduo estigmatizado comporte-se de maneira que seu estigma fique evidente. No caso dos surdos, ainda hoje, há uma rotulação de incapacidade linguística e até intelectual. Por isso, um surdo que supera as barreiras linguísticas e sociais e ingressa numa faculdade, numa pós-graduação ou tira carteira de motorista, ainda desperta surpresa, curiosidade ou espanto das pessoas.

Outro aspecto importante é que “o indivíduo estigmatizado tem uma tendência a estratificar seus pares conforme o grau de visibilidade e imposição de seus estigmas” (Goffman, 1979: 117). Por isso, a diferença entre um deficiente auditivo leve ou moderado e um surdo profundo é, muitas vezes, ressaltada por eles mesmos. Surdos oralizados e não oralizados, implantados²⁴ e não implantados, universitários e não universitários, formam outras divisões e hierarquias entre eles; além das clássicas divisões de gênero/sexo, cor/raça/etnia, idade e posição de classe.

Outro ponto a ser ressaltado é que *concepções elitizadas de um grupo dominante surdo* (Teske in: Skliar, 2011: 141) podem reproduzir uma *visão colonialista*, inferiorizando surdos de classes populares que mesmo sabendo Libras, não são oralizados e não participam de associações dos surdos ou participam menos, apenas frequentando eventualmente as atividades propostas.

Como é possível inferir, a questão dos surdos é complexa e tem apresentado demandas cotidianas que a sociedade não tem sido capaz de responder. Problematizar o que os surdos e demais envolvidos com o tema têm feito a esse respeito, quer se classifique ou não de *cruzadas morais* essas tentativas, é um objetivo deste trabalho. As interações face a face podem ser pontos chave para investigações a este respeito.

4.Cultura e Identidade Surda: O que querem os surdos?

Sobre o conceito de cultura, vamos trabalha-lo um pouco, revendo alguns autores principais. Segundo Roque Laraia, o primeiro conceito antropológico de cultura é de Edward Tylor (1871), que procurou demonstrar que:

a cultura pode ser objeto de um estudo sistemático, pois trata-se de um fenômeno natural que possui causas e regularidades, permitindo um

²⁴ O Implante Coclear é um aparelho que fica dentro da cóclea (fixo, colocado em cirurgia) e conta com outro aparelho externo, removível. É diferente do aparelho auditivo comum.

estudo objetivo e uma análise capazes de proporcionar a formulação de leis sobre o processo cultural e a *evolução* [grifo meu]. (Laraia, 2005)

Franz Boas, em 1896, criticando o evolucionismo de Tylor, então chamado de *método comparativo*, desenvolve o *particularismo histórico*, que mais tarde ficou conhecido como o *culturalismo americano*. Este método ressaltava a importância do desenvolvimento único, relativo, de cada cultura. Alfred Kroeber, por sua vez, já em 1949, *procurou mostrar que superando o orgânico, o homem de certa forma libertou-se da natureza* (Laraia: 2005: 41). Enfatizando também que o ambiente em que o indivíduo cresce ou algum outro lugar para onde ele vá, pode ou não oferecer as bases culturais para desenvolver certas habilidades. Explicando melhor, Kroeber dá exemplos das grandes invenções e reafirma o caráter cumulativo da cultura.

Ruth Benedict, em 1934, havia escrito *Padrões de Cultura*. Utilizando-se da mitologia grega como um tropo, para Benedict existiriam, por exemplo, culturas dionisíacas e culturas apolíneas, o que estaria ligado a diversos fatores como região e história e justificaria diversas características. Um dos autores que problematiza essa idéia é Gilberto Velho, no livro *Desvio e Divergência* (1979), onde reconhece a predominância de determinados valores estarem presentes em determinadas culturas, mas ressalta o cuidado que o antropólogo deve ter para não generalizar comportamentos e crenças dos nativos, ressaltando ainda que sempre haverá indivíduos ou grupos que se comportam de maneira divergente numa mesma sociedade.

Clifford Geertz, em 1973, publica *A Interpretação das Culturas*, trazendo uma abordagem mais complexa sobre a etnografia, comparando a cultura a um texto que pode ser lido. Assim, para Geertz, a etnografia deveria ser uma *descrição densa*, uma abordagem descritiva detalhada sobre a vida nativa, que procura incluir o significado que os atores sociais em questão conferem às suas ações. Atualmente, Bruno Latour, Marilyn Strathern e Roy Wagner, são autores importantes da chamada *antropologia simétrica*, que pretende privilegiar o discurso nativo. Estes autores criticam os conceitos clássicos de identidade, grupo, comunidade e cultura, trazendo para o debate conceitos como rede, sociabilidade e ressignificação. Em *A invenção da cultura*, escreve Wagner :

Quando um antropólogo estuda outra cultura, ele a inventa generalizando suas impressões, experiências e outras evidências como se estas fossem produzidas por alguma coisa externa. Desse modo, sua invenção é uma objetificação, ou reificação, daquela coisa. (Wagner, 2010).

Se a ideia de cultura pode, além significar particularidade de modo de vida, também ser compreendida como instrumento retórico de reconhecimento, semelhantemente, a ideia de identidade não só particulariza um indivíduo ou um grupo mas pode servir como instrumento retórico de reconhecimento e marcação *positiva*²⁵ da diferença. Para Kathryn Woodward, teórica pós-estruturalista, identidade é relacional, está ligada a uma dimensão simbólica na qual os indivíduos decidem incluir ou excluir determinado indivíduo ou grupo. Assim, para Woodward a construção e a manutenção das identidades ocorrem por *marcações simbólicas* que classificam as diferenças que são *vividas* nas relações sociais (WOODWARD, Apud SILVA, 2000, p.14).

Uma hipótese para o uso desta categoria é a de que quando alguns grupos ligados a academia e a outros movimentos sociais como o feminismo, o movimento negro e a teoria queer, começaram a perceber alguma semelhança com relação a preconceito, dificuldades de acesso e segregação é que a diferença dos surdos tomou cunho político pós-estruturalista, questão de identidade, passou de fato a ser vista como diferença e não como *anormalidade* ou falta de audição, simplesmente. Pensar sobre a maneira como os *surdos* utilizam a categoria identidade e traçar um paralelo com as teorias socioantropológicas de identidade, cultura e comunidade pode ser um meio de elucidar a questão dos surdos. É isso que eles apontam.

Pensando identidade como algo mutável nas sociedades complexas, podemos realizar um paralelo com a questão dos surdos, percebendo-os como indivíduos que transitam em diferentes formas de uma *identidade surda*, sendo, portanto, mais adequado, pensarmos em *identidades surdas*, no plural, conforme explica a pesquisadora e *militante surda*, Gladis Perlin (2011). Perlin critica o *saber ouvintista*, isto é, o saber *ouvinte* em relação aos direitos e demais aspectos da vida dos surdos e ressalta as múltiplas *identidades surdas: híbridas, de transição, incompletas e flutuantes*; relacionando-as aos diferentes níveis de pertencimento e envolvimento com a *comunidade surda* e com o *movimento surdo*. (PERLIN, 2011).

O que se quer ao reivindicar uma identidade, no caso dos surdos, é poder fazer parte da vida social, tendo porém sua diferença marcada exatamente para ser respeitada. A apreensão das coisas é diferente, a língua é diferente e os resultados disso são diferentes. Não há como respeitar essa diferença sem conhecê-la minimamente, sem se tornar sensível a ela, o que significa perceber a si mesmo e ao outro em sua alteridade,

²⁵ Existe uma discussão sobre direito positivo, que permite reconhecer direitos particulares, não somente ou necessariamente universais.

isto é, como pessoas com formas distintas de apreensão do mundo e linguagem, o que implica em diferentes formas de compreensão de ideias e expressão de pensamento.

Referências

- ARRIENS, Marco. **Oficinas I e II para Intérpretes de Libras**. Porto Alegre, Provílis: Produtora de Vídeo e Literatura para Surdos Ltda.
- BECKER, Haward S. **Outsiders**: estudo de Sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BERGUER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- CENCI, A. V. Subjetividade, individualismo e formação moral no contexto de sociedades complexas e pluralistas. In: TREVISAN, A. L. et al. (Org.). **Diferença, cultura e educação**. Porto Alegre: Sulina, 2010. p. 67-79.
- FELIPE, T. A. **Libras em contexto**: curso básico: livro do estudante. 7. ed. Rio de Janeiro: LIBRAS Editora Gráfica, 2006.
- GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.
- _____. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- _____. Quem precisa da identidade?. In: SILVA, T. T. (Org.). **Identidade e Diferença**: A perspectiva dos Estudos Culturais. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 103-133.
- KAUCHAKJE, S. "Comunidade Surda": as demandas identitárias no campo dos direitos, da inclusão e da participação social. In: SILVA, I. R. et al (Org.). **Cidadania, surdez e linguagem**: desafios e realidades. 3. ed. São Paulo: Plexos, 2003. p. 57-76.
- MISKOLCI, R. Do desvio às diferenças. **Revista Teoria e Pesquisa**, São Carlos, n. 47, p.9-4, 2005. Disponível em:
<http://www.teoriaepesquisa.ufscar.br/index.php/tp/article/viewFile/43/36> .
- SACKS, Oliver. **Vendo Vozes**: Uma viagem ao mundo dos surdos. 5. reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SILVA, T. T. A Produção Social da Identidade e da Diferença. In: SILVA, T. T. (Org.). **Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 73-102.

TESKE, O. A relação dialógica como pressuposto na aceitação das diferenças: o processo de formação das comunidades surdas. In: SKLIAR, C. (Org.). **A Surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 2011. p. 137-153.

THOMA, A. S. Surdos: esse “outro” de que fala a mídia. In: SKLIAR, C. (Org.). **A Surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 2011. p. 121-136.

VELHO, G. O estudo do Comportamento desviante: A contribuição da Antropologia Social. In: _____ (Org.). **Desvio e Divergência: uma crítica da patologia social**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. p. 11-51.

WAGNER, R. **A invenção das cultura**. Rio de Janeiro: Cosac Naify, 2010.

WOODWARD, K. Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. (Org.). **Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 7-72.

Recebido em: 01/05/2023

Aceito em: 17/06/2023



Para citar este texto (ABNT): BIGOGNO, Paula Guedes. Cultura, comunidade e identidade surda: O que querem os surdos? *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.3, nº2, p. 268-285, jul./dez. 2023.

Para citar este texto (APA): Bigogno, Paula Guedes (jul./dez.2023). Cultura, comunidade e identidade surda: O que querem os surdos? *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 3 (2): 268-285.